

PONTIFÍCIO ATENEU SANTO ANCELMO

**Faculdade de Teologia**

INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES

**Trabalho escrito**

**“A Ressureição de Lazaro”**

FARIA RAYLAN SILVEIRA

PRADO WESLEY CORDEIRO

SEVE TAMWELE SEVERIN

**Literatura Joanina**

Prof. Pe. Shigueyugue Nakanose

São Paulo

2026

## **A ressurreição de Lázaro (Jo 11,1-54): análise literária, contextual e semântica**

O capítulo 11 do Evangelho de João, que apresenta a ressurreição de Lázaro, não aparece de forma isolada dentro do conjunto do Evangelho. Ele se insere no chamado “Livro dos Sinais” (Jo 2–11) e, mais do que isso, ocupa um lugar decisivo: é o último e mais intenso dos sinais realizados por Jesus antes do início de sua Paixão. Não é apenas mais um milagre. É um ponto de virada. A partir daqui, a narrativa caminha diretamente para a cruz.

Esse episódio mantém uma ligação direta com o que vem antes, especialmente com Jo 10,22-42, onde Jesus já enfrenta uma oposição cada vez mais forte. Sua identidade como Filho de Deus é questionada, rejeitada e até ameaçada com apedrejamento. Em Jo 11, essa mesma identidade não é apenas afirmada em palavras, mas revelada em um gesto concreto: dar vida a quem já estava morto.

A narrativa se organiza de forma bem construída. No início (11,1-6), somos introduzidos aos personagens: Lázaro, Marta e Maria. Não são desconhecidos. São amigos. Existe ali uma relação de proximidade, marcada pelo amor. Lázaro, inclusive, é chamado de amigo por Jesus (11,11), o que já indica que o que está em jogo não é apenas um milagre, mas uma experiência profundamente relacional.

O desenvolvimento (11,7-37) é marcado por diálogos. E nesses diálogos aparecem diferentes formas de compreender — ou de não compreender — o que está acontecendo. Os discípulos mostram dificuldade em entender a situação. Marta, por sua vez, apresenta uma fé mais articulada, quase teológica, ao professar que Jesus é o Cristo. Já Maria expressa algo diferente: sua dor, seu lamento, sua experiência afetiva. E, no meio disso tudo, há um dos versículos mais fortes e mais humanos do Evangelho: “Jesus chorou” (11,35). Ele não observa de longe. Ele entra na dor.

O ponto alto da narrativa está em 11,38-44. Aqui acontece o sinal. Jesus diante do túmulo, a pedra, o cheiro da morte, o quarto dia — tudo indica que não há mais o que fazer. E é justamente nesse cenário que a vida irrompe. A ordem

de Jesus — “Lázaro, vem para fora!” — não é apenas um comando. É revelação. Ele não apenas fala sobre a vida. Ele a comunica.

O detalhe do quarto dia não é secundário. Segundo a crença da época, após o terceiro dia não havia mais possibilidade de retorno. O corpo já entrava em decomposição. Ou seja, João deixa claro: não há dúvida sobre a morte de Lázaro. Isso reforça ainda mais o sinal. Não se trata de recuperação. É vida nova.

## **1. SINALIZAÇÃO**

Doente, Lázaro, Betânia, Maria, Marta, Jesus, Senhor, glória, Filho de Deus, Judeus, ressurreição, quarto dia, dois dias, morte, vida, pedra, chorar, discípulos, Rabi, Judéia, dia, noite, luz, Tomé, irmão, Cristo, chorar, sepulcro, multidão, fariseus, sinais.

## **2. CONTEXTO**

A perícopes sobre a ressurreição de Lázaro<sup>1</sup> evidencia as características fundamentais da comunidade joanina: o amor mútuo, a solidariedade e a fraternidade, apesar de ser construída por pessoas provenientes de diferentes grupos. A título ilustrativo, o uso corrente das expressões meu irmão/ minha irmã. A comunidade da Betânia (Maria, Marta e Lázaro) são amigos de Jesus pelo amor autêntico. O próprio Lázaro é chamado de “amigo”(11,11)<sup>2</sup>.

Vivendo como irmãos, a comunidade promove e defende a vida plena diante das perseguições que enfrentava. Importa recordar que, sob a dominação grega (a partir de 333 a.C.), a vida na Palestina tornou-se precária. Ademais, as

---

<sup>1</sup> Segundo Johan Konings, ainda existe discussão sobre a historicidade material da ressurreição de Lázaro, sendo o último sinal anunciando o grande sinal, a ressurreição de Jesus, mostra como a vida supera a morte. A ressurreição de Lázaro não se trata de reanimação como da filha de Jairo (Mc5,21-43) nem do filho da viúva de Naim(Lc7,11-17). Não são comparáveis. Pois a ressurreição de Lázaro é de alguém no estado de decomposição (v.39). Cf. J. Konings, Evangelho segundo João. Amor e fidelidade, Vozes, Petrópolis, 2000

<sup>2</sup> Cf J. Bortolini, como ler o Evangelho de João. Caminho da vida, Paulus, São Paulo 1995, p.111

guerras e invasões posteriores (66–73 d.C.) trouxeram graves consequências para o povo. Na chamada Guerra Judaica, os judeus foram derrotados pelos romanos; Jerusalém, cidade santa, e o Templo foram destruídos e saqueados, desestruturando profundamente a vida religiosa e social.

Entre os diversos grupos judaicos, saduceus, essênios, zelotas e sicários. Observa-se, contudo, que os judeus cristãos e os fariseus sobreviveram, em grande parte, por não terem se engajado diretamente na guerra. Após esse período, os fariseus dedicaram-se à reorganização da vida do povo em torno de uma estrutura alternativa, a sinagoga, mediante a interpretação e aplicação da Lei, frequentemente acompanhadas da imposição de tributos pesados sob o pretexto de proteção. Tal reorganização interessava também aos romanos, que se aliaram a esse grupo.

Nesse contexto, a comunidade joanina buscava superar essa compreensão legalista, que também influenciava a prática de alguns de seus membros. Além da centralidade da Lei do sábado, destacava-se a Lei da pureza, que estabelecia distinções entre puro e impuro, justo e pecador, reforçando a exclusão de determinados grupos considerados distantes de Deus. Na prática, a Lei era frequentemente colocada acima da pessoa humana, tornando-se, em muitos casos, desfavorável à vida. Doenças e deficiências físicas, por exemplo, eram interpretadas como castigos divinos, pois o cumprimento da Lei era visto como exigência do próprio Deus.

Nesse horizonte, consolidou-se a teologia da retribuição (cf. Dt 30,15-20) e a crença na ressurreição dos mortos, utilizadas, em certa medida, como instrumentos de manutenção da ordem e da obediência às normas impostas pela elite farisaica. No interior das sinagogas, porém, surgiram grupos que passaram a relativizar a centralidade da Lei, entre os quais se destacam os cristãos, que enfatizavam a primazia da vida humana. Tal posicionamento gerou conflitos, resultando em perseguições e na expulsão daqueles que não observavam rigorosamente a Lei, em um contexto também marcado pela pressão do Império Romano.

Entre esses grupos, sobressai a comunidade joanina, composta originalmente por judeus que reconheceram em Jesus o Messias esperado.

Formada, em grande parte, por pessoas marginalizadas e pobres, essa comunidade propõe um novo modo de viver: uma vida fraterna, fundada no amor e não na primazia da Lei, como forma de resistência às perseguições e afirmação da dignidade humana <sup>3</sup>.

#### 4. ANÁLISE SEMÂNTICA

**Betânia:** significa “a casa do pobre” ou “da aflição”. Assim como Belém (Jo 7,42), tratava-se de uma aldeia próxima a Jerusalém, a uns três estádios (v.18). Nesse local encontrava-se a comunidade de discípulos de Jesus, caracterizada pelo amor recíproco entre os seus membros e pela necessidade constante de sua presença. Atualmente o lugar é identificado El-Azariyer, e fica distante da outra Betânia, mencionada pelo quarto Evangelho, localizada além do Jordão (1,28), aludida em Jo 10,40-42. Para os sinóticos, costumava hospedar-se em Betânia, quando se dirigia a Jerusalém(Mt 21,17) <sup>4</sup>.

**Doença:** a palavra “doença” aparece cinco vezes nos vv. 1-6, repetição que evidencia a situação de angústia e morte vivida pela comunidade, marcada pela perseguição. No horizonte da teologia da retribuição, a doença é compreendida como castigo, isto é, punição divina pela desobediência à Lei, associada ao pecado.

Jesus, porém, rompe com essa concepção. Para ele, “...a doença não é mortal, mas é para a glória de Deus, para que, por ela seja glorificado o Filho de Deus”(v.4). Desse modo, a morte dos membros da comunidade, provocada pela perseguição, é ressignificada como fonte de vida e ocasião de testemunho do amor que a sustenta. O sinal realizado por Jesus, portanto, visa suscitar a fé e fortalecer a comunidade em meio às adversidades.

---

<sup>3</sup> Cf. Centro Bíblico Verbo Divino, *Da comunidade nasce a nova vida! Evangelho de João: Roteiros e subsídios para encontro*, Paulus, São Paulo, 2000

<sup>4</sup>Cf. A.Niccacci-O.Battaglia, *Comentário ao Evangelho de João*, Vozes, Petrópolis 1981, 175

**O quarto dia:** refere-se ao tempo decorrido desde o sepultamento de Lázaro. Tal informação é teologicamente relevante, pois, segundo a crença da época, após o terceiro dia a pessoa era considerada definitivamente morta, tornando-se impossível o retorno à vida, uma vez que o corpo já iniciava o processo de decomposição. Ao mencionar quarto dias, o autor enfatiza que Lázaro estava indubitavelmente morto, evidenciando, assim, que Jesus tem poder sobre a morte e é aquele que dá a vida<sup>5</sup>.

**Noite e dia:** na cena, “noite” e “dia” possuem sentido simbólico. O dia representa o tempo da vida e da ação, enquanto a noite remete ao momento da morte (cf. Jo 9,3-4). A afirmação de Jesus “ Não são doze as horas do dia? Se alguém caminha durante o dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo; mas se alguém caminha à noite, tropeça, porque a luz não está nele”(vc.9-10) assume caráter parabólico, no qual dia e noite comportam tanto um sentido material quanto simbólico.

Assim, “caminhar durante o dia” significa realizar as obras daquele que o enviou (cf. Jo 9,4), o que já não será possível quando chegar a “noite” da paixão e da morte. As “horas” de Jesus são, portanto, determinadas, indicando seu destino estabelecido por Deus, que ninguém pode alterar (cf. Jo 7,30).

Desse modo, para os seres humanos, “caminhar durante o dia” significa crer na luz enquanto ela está presente<sup>6</sup> (cf. Jo 12,36).

**Chorar:** “Jesus chora” (v. 35). Ele se comove com a realidade vivida pela comunidade, não permanecendo indiferente diante do sofrimento. Essa reação de empatia e solidariedade manifesta sua participação na dor dos membros: a ausência de um deles, de um amigo, afeta profundamente o conjunto da comunidade. Contudo, essa solidariedade não expressa desesperança; ao contrário, Jesus realiza o sétimo sinal para revelar que o amor é mais forte que a morte (cf. 11,42).

---

<sup>5</sup> Cf. Centro Bíblico Verbo Divino, Da comunidade nasce a nova vida! Evangelho de João: Roteiros e subsídios para encontro, Paulus, São Paulo, 2000, 90.

<sup>6</sup> Cf. A. Niccacci-O. Battaglia, Comentário ao Evangelho de João, Vozes, Petrópolis 1981, 176

Diante de suas lágrimas, os judeus afirmam: “Vede como o amava” (v. 36), evidenciando a característica essencial da comunidade joanina: o amor recíproco entre Jesus e seus membros. Convém recordar que os membros da comunidade de Betânia, assim como o discípulo amado, são apresentados como aqueles que Jesus amava de modo particular. Desse modo, quem vive no amor mútuo torna-se participante dessa comunidade. Importa ainda destacar que o evangelista não emprega o verbo “amar” no sentido passional (ἐράω), mas utiliza ἀγαπάω, indicando um amor gratuito, generoso e fiel, próprio da aliança<sup>7</sup>.

**Ressurreição** (ἀνάστασις): nota-se que o tema da ressurreição aparece explicitamente pela primeira vez em Dn 12,2-3, texto datado por volta de 164 a.C., sendo posteriormente reafirmado no período dos Macabeus (cf. 2Mc 7,9.11.23; 14,46). Tal crença consolida-se como forma de conferir sentido à vida dos justos que defendiam a Lei e a tradição judaica diante da dominação grega. Essa compreensão articula-se com a teologia da retribuição: o justo, fiel à Lei, ressuscitará para a vida eterna, enquanto os ímpios serão destinados ao castigo, descendo ao Xeol (cf. Nm 16,33). Nesse horizonte, a ressurreição torna-se fundamento de esperança.

Essa mentalidade também se faz presente na comunidade joanina. De fato, Marta interpreta a afirmação “ressuscitará” (v. 23) a partir da escatologia judaica, compreendendo-a como um evento futuro, no último dia, sem perceber que Jesus se revela como a própria ressurreição e a vida. Torna-se, portanto, necessário superar essa compreensão, realizando a passagem da fé judaica para a fé cristológica. Em Jesus, o Messias, manifesta-se o verdadeiro libertador, que rompe os laços da morte e liberta de toda opressão, tornando presente, no hoje da história, a realidade futura. Desse modo, a comunidade é chamada a reacender sua esperança em meio às adversidades. Ademais, a ressurreição de Lázaro, último dos sinais no Evangelho de João, é compreendida como prefiguração do sinal pleno e definitivo: a ressurreição de Jesus.<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Cf. J. Konings, *Evangelho segundo João. Amor e fidelidade*, Vozes, Petrópolis, 2000

<sup>8</sup> Cf. Ver acima

A própria ideia de ressurreição também aparece em transformação. Marta, ao falar da ressurreição no último dia, expressa a esperança judaica tradicional. Mas Jesus desloca essa compreensão: “Eu sou a ressurreição e a vida” (11,25). Não se trata apenas de um evento futuro. A vida nova começa agora, na relação com Ele.

Nesse sentido, a ressurreição de Lázaro não é um fim em si mesma. Ela aponta para algo maior. É sinal. Antecipação. Prefiguração daquilo que será pleno na ressurreição de Jesus.

No final do relato (11,45-54), aparece a divisão: alguns creem, outros se fecham ainda mais. O sinal não elimina a liberdade. Ele provoca decisão.

### **Atualização: a ressurreição de Lázaro para os nossos dias**

A história de Lázaro não ficou no passado. Ela continua acontecendo, ainda que de formas diferentes. Hoje, a morte nem sempre é apenas biológica. Há muitas formas de morte que atravessam a vida das pessoas: o desânimo, a perda de sentido, relações quebradas, vidas paralisadas por dentro. Gente que continua vivendo, mas já não encontra mais motivo para seguir. Como Lázaro, muitos estão “no túmulo” — não de pedra, mas de situações que aprisionam.

Nesse contexto, a palavra de Jesus continua atual: “Vem para fora”. Não é apenas um chamado individual, mas também comunitário. Há comunidades inteiras que precisam sair de estruturas que geram morte — seja pelo excesso de formalismo, pela falta de acolhida ou pela ausência de sentido. A ressurreição de Lázaro, hoje, nos provoca a acreditar que a vida pode recomeçar, mesmo quando tudo parece perdido. Onde o amor se faz presente, onde há cuidado, escuta e compromisso com o outro, ali a vida volta a acontecer. Porque, no fundo, o maior sinal continua sendo o mesmo: a vida sempre terá a última palavra.

### **Referencias:**

J. Konings, *Evangelho segundo João. Amor e fidelidade*, Vozes, Petrópolis, 2000

A.Niccacci-O.Battaglia, *Comentário ao Evangelho de João*, Vozes, Petrópolis 1981, 175

Centro Bíblico Verbo Divino, *Da comunidade nasce a nova vida! Evangelho de João: Roteiros e subsídios para encontro*, Paulus, São Paulo, 2000

